



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

02 de Abril 2014



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Nota 10	Editoria: Educação	Data: 02/04/2014
Assunto: Inep		Página: Online



Inep diz que Brasil tem políticas para melhorar educação

O presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Francisco Soares, disse ontem (1.º), que o Brasil tem políticas públicas concretas para continuar ampliando a qualidade da educação ao comentar pesquisa divulgada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os dados apontam que o Brasil ocupa a 38.ª posição entre 44 países que testaram habilidades de estudantes de 15 anos em resolver problemas de raciocínio relacionados ao cotidiano.

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2012 mostra ainda que, no Brasil, menos de 2% dos estudantes que participaram atingiram a performance máxima na solução dos problemas. "O Pisa mostra que não estamos parados, estamos caminhando. Nos níveis 5 e 6 [níveis que medem o melhor desempenho], o Brasil tem 2% e os países mais consolidados têm 11%. Essa diferença de 2% para 11% é a menor diferença que tivemos desses países em avaliações. Vemos que temos que caminhar, mas já caminhamos também", disse Soares.

O presidente do Inep disse ainda que o Brasil tem políticas públicas para preparar os estudantes para a solução de problemas concretos como os apresentados no Pisa, entre eles, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). "Com o Enem, o Brasil trouxe para seu curriculum esse tipo de demanda", diz.

Na avaliação, os estudantes tiveram que desenvolver atividades como executar tarefas em um aparelho de MP3, usar o controle remoto de um aparelho de ar-condicionado para controlar condições de temperatura e umidade, sem instruções prévias, e simular a compra de um bilhete de trem em um teclado sensível ao toque.

Os países que lideram o ranking da OCDE são Cingapura, Coreia do Sul e Japão. As três últimas posições são ocupadas por Uruguai, Bulgária e Colômbia.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Nota 10	Editoria: Educação	Data: 02/04/2014
Assunto: Avaliação de raciocínio		Página: Online



Mal resultado em educação se deve a questões estruturais

A avaliação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgada ontem (1.º), que traz o Brasil na 38.ª posição entre os 44 países que testaram habilidades de estudantes de 15 anos em resolver problemas de raciocínio e de lógica, relacionados à situações do cotidiano, é o reflexo de problemas estruturais da educação brasileira, na avaliação do coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (CNDE), Daniel Cara.

“Isso decorre da maneira como se organiza a gestão da educação no Brasil. Se tem forte responsabilização dos governos municipais e estaduais e participação aquém do necessário do governo federal. É um problema estrutural que vem desde a época da proclamação da República. O governo federal é quem mais arrecada recursos e quem menos contribui na área de educação”, disse Cara sobre os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2012.

Segundo ele, para avançar na qualidade da educação é preciso que haja complementação de recursos do governo federal aos estados e municípios, de modo a garantir o direito à educação com um padrão mínimo de qualidade. “Essa complementação deve vir junto com uma lei dura para determinar a forma como os estados e municípios vão gastar os recursos, e a sociedade deve poder acompanhar a fiscalização”, conclui.

O coordenador da CNDE acrescenta que é preciso garantir uma política de valorização dos profissionais de educação e escolas com estrutura adequada para o ensino.

O Pisa é aplicado a cada três anos, voltado para leitura, ciências e matemática, e, pela primeira vez, mediu a capacidade de resolução de problemas mais elaborados de lógica e raciocínio. No Brasil, menos de 2% dos estudantes avaliados atingiram a performance máxima na solução dos problemas. A avaliação registra que, no país, as meninas tiveram desempenho melhor que os meninos.

Os países que lideram o ranking da OCDE são Cingapura, Coreia do Sul e Japão. As três últimas posições são ocupadas por Uruguai, Bulgária e Colômbia.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 02/04/2014
Assunto: Avaliação de raciocínio		Página: Online



ALUNOS BRASILEIROS FICAM ENTRE OS PIORES EM TESTE DE RACIOCÍNIO LÓGICO

Pela primeira vez, Pisa avaliou habilidades cognitivas de estudantes de 44 países. Brasil ficou apenas com a 38ª colocação

Fonte: O Globo Online

Os estudantes brasileiros têm sérias dificuldades para resolver problemas de matemática aplicados à vida real. É o que mostram os resultados de um novo teste do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), divulgados nesta terça-feira pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Brasil ficou apenas com 38ª colocação entre os 44 países participantes.

É a primeira vez que a OCDE realiza este teste, que buscou avaliar mais as habilidades cognitivas dos estudantes do que seu conhecimento de conteúdo matemático. Participaram do exame cerca de 85 mil alunos, todos com 15 anos de idade. Os adolescentes de Cingapura e Coreia do Sul alcançaram as melhores pontuações nessa avaliação. Veja o ranking completo no final da reportagem.

“Os alunos de 15 anos com dificuldades para resolver problemas serão os adultos de amanhã lutando para encontrar ou manter um bom emprego”, disse Andreas Schleicher, diretor interino de Educação da OCDE. “As autoridades e educadores devem rever seus sistemas de ensino e currículos para ajudar os estudantes a desenvolver suas habilidades para resolver problemas, cada vez mais necessárias nas economias atuais”.

A OCDE é conhecida por divulgar, a cada três anos, os resultados gerais do Pisa, que, na sua última edição, em 2012, avaliou estudantes de 65 países com provas de matemática, ciência e leitura. Divulgados em dezembro do ano passado, os resultados desses exames mostraram uma realidade péssima para o Brasil. Apesar de uma melhora em matemática desde 2003, quando o Pisa começou, o país estava na 58ª posição, bem abaixo da média nas três disciplinas.

A prova de matemática do Pisa já mostrava as dificuldades dos alunos brasileiros com problemas que pediam raciocínio lógico e conhecimentos básicos da disciplina. Apenas 33% dos alunos de 15 anos do país conseguiram resolver questões com o grau de complexidade mais baixo. Para muitos especialistas, o problema está justamente



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

nos problemas de leitura. A maioria dos nossos estudantes não consegue interpretar o enunciado da questão.

Veja o ranking completo

- 1° - Cingapura, 562 pontos
- 2° - Coreia do Sul, 561
- 3° - Japão, 552
- 4° - China/Macau, 540
- 5° - China/Hong Kong, 540
- 6° - China/Xangai, 536
- 7° - China/Taipé, 534
- 8° - Canadá, 526
- 9° - Austrália, 523
- 10° - Finlândia, 523
- 11° - Reino Unido, 517
- 12° - Estônia, 515
- 13° - França, 511
- 14° - Holanda, 511
- 15° - Itália, 510
- 16° - República Tcheca, 509
- 17° - Alemanha, 509
- 18° - Estados Unidos, 508
- 19° - Bélgica, 508
- 20° - Áustria, 506
- 21° - Noruega, 503
- 22° - Irlanda, 498
- 23° - Dinamarca, 497
- 24° - Portugal, 494
- 25° - Suécia, 491
- 26° - Rússia, 489
- 27° - Eslováquia, 483
- 28° - Polônia, 481
- 29° - Espanha, 477
- 30° - Eslovênia, 476
- 31° - Sérvia, 473
- 32° - Croácia, 466
- 33° - Hungria, 459
- 34° - Turquia, 454
- 35° - Israel, 454
- 36° - Chile, 448
- 37° - Chipre, 445
- 38° - Brasil, 428
- 39° - Malásia, 422
- 40° - Emirados Árabes, 411
- 41° - Montenegro, 407
- 42° - Uruguai, 403
- 43° - Bulgária, 402
- 44° - Colômbia, 399



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Blog Moacir Pereira	Editoria: Blog Moacir Pereira	Data: 02/04/2014
Assunto: Reajuste do piso	Página: Online	



Emenda beneficia reajuste salarial dos professores

Emenda substitutiva do líder do PT, Neodi Saretta, apresentada a Medida Provisória do governador Colombo que parcela o reajuste do piso salarial dos professores, deve ser votada hoje no plenário da Assembleia. Prevê pagamento integral do reajuste e não o parcelamento em três vezes definido pelo governo.

Os próprios líderes de oposição não acreditam que a emenda passe no plenário, onde o governo tem tranquila maioria.



Notícias do Dia

Fora

da sala de aula

LEONARDO THOMÉ

leonardo.thome@noticiasdodia.com.br

Twitter @ND_online

Professores e alunos da escola estadual Jovem do Sul da Ilha, na SC-405, no Rio Tavares, tomaram uma atitude inusitada ontem. Cansados de esperar pela entrega da unidade de ensino que está em obras há quatro anos, os docentes resolveram dar aula em frente ao prédio em construção, onde estudarão cerca de 600 jovens do ensino médio. A manifestação foi motivada pela lentidão nas obras. Os alunos também puderam entrar no prédio e ver como está o andamento da construção. Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis, a escola será inaugurada no dia 30 de abril.

Até lá, a recomendação do MP (Ministério Público) é para que os alunos matriculados na Jovem do Sul da Ilha frequentem, em caráter provisório, as aulas na escola estadual João Gonçalves Pinheiro, na rodovia Antonio Luiz de Moura Gonzaga, também no Rio Tavares, onde eles estudavam até 2013. Porém, professores e pais de alunos afirmam que a escola não tem condições de sediar aulas. O governo do Estado rebate, alegando que Corpo de Bombeiros e Vigilância Sanitária garantiram condições de uso.

A professora de biologia Sandra Sauer, 44 anos, afirma que a decisão de não ministrar aulas na João Gonçalves Pinheiro veio de um pedido dos pais de alunos e de alguns professores, pois o prédio da escola teria problemas em relação aos equipamentos contra incêndio. "A Gonçalves Pinheiro não tem condições de uso, eles não cumpriram com uma série de exigências que tinham sido recomendadas pelos Bombeiros. Em resumo, o governo do Estado fez uma maquiagem na escola, que segue com problemas", disse. "A Jovem do Sul da Ilha era para estar pronta em 2013", completou.

Gerente de Educação da Grande Florianópolis, Dagmar Pacher afirma que o prazo de entrega da nova unidade é 30 de abril. Enquanto esse dia não chega, observa, os pais têm o dever de levar seus filhos à escola João Gonçalves Pinheiro, já que o prédio está "apto" a receber os alunos. "A Gonçalves Pinheiro está redonda, com tudo certinho. Só precisamos que os pais levem os alunos à aula, se não todos serão prejudicados, perdendo conteúdo e aulas", convocou. "A João Gonçalves Pinheiro não fechará depois da inauguração da Jovem do Sul da Ilha. São escolas que vêm a se complementar. Contamos com a colaboração dos pais", pediu.

vestibular comprometido

Terça-feira, 15h05. Depois de uma pequena aula em frente à escola Jovem do Sul da Ilha, Edson Hawel, 15, tomou o rumo de casa para assistir televisão e brincar no computador. O garoto ainda não começou o ano letivo, iniciado no dia 17 de fevereiro na rede estadual de ensino.

Como ele, cerca de 600 estudantes passam os dias sem nada para fazer. Assim, o ano letivo passa e quem perde são os alunos, em especial aqueles que prestarão vestibular no final do ano. "Sem aula desde fevereiro, como os alunos farão quando chegar o vestibular, quando estarão atrasados em relação a outras escolas", questionou Carmen Gássia Cordova, mãe de um estudante.

Carmen lembra que já venceram três prazos de entrega da escola que atenderá as comunidades do Rio Tavares e Campeche, no Sul da Ilha. "Era para ficar pronta em fevereiro, depois março e por último o dia 7 de abril", enumerou, referindo-se às promessas do governo do Estado.

Do Campeche, Vitoria da Rosa, 15, reclamou que estudar em casa não é o ideal para quem sonha em passar no vestibular em uma universidade federal. "Tenho lido e estudado em casa, mas sinto falta das aulas com professores", disse.



Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Cidade

Data: 02/04/2014

Assunto: Passe escolar

Página: 04

Notícias do Dia

Mudanças beneficiam 45 mil estudantes

Os 45 mil estudantes que utilizam passe escolar em Florianópolis já contam com as novas regras na lei do transporte. Entre as novidades estão a possibilidade da compra fracionada, e não apenas uma vez ao mês; a recarga ilimitada, até o teto de R\$ 525; e a condição de usar a passagem de estudante aos domingos. Essas mudanças devem aumentar o uso do vale-transporte escolar na Capital, e a prefeitura prevê impacto financeiro no repasse de subsídios às empresas de ônibus.

Para a estudante Ana Paula Zefferino, 17, as novas mudanças permitiram que ela também se beneficiasse do passe estudantil. "Faço cursinho e antes não podia usar passe escolar, agora tenho

esse benefício", diz, depois de realizar a primeira recarga. Na prática, o estudante poderá recarregar o cartão em qualquer um dos pontos de venda a qualquer dia do mês.

O diretor de Planejamento da Secretaria de Mobilidade Urbana, Vinícius Coffferri, afirma que as mudanças trarão impacto financeiro ao município, já que enquanto os estudantes arcam com 50% do valor da passagem, a outra metade é repassada pela prefeitura às empresas. "É uma demanda nova e não temos como calcular qual será o impacto. Esse custo pode-

rá ser repassado na passagem", diz. Atualmente, a prefeitura repassa R\$ 1,2 milhão por mês às empresas de transporte coletivo em forma de subsídio.

O projeto de lei foi aprovado na Câmara de Vereadores no ano passado, mas foi recusado pelo prefeito Cesar Souza Júnior, sob o argumento de que as mudanças

provocariam impacto financeiro significativo sobre repasse às empresas, além da necessidade da contratação de mais funcionários. Mas, ao retornar para a Câmara, o veto do prefeito foi derrubado e a matéria transformada em lei. **(Fábio Bispo)**



PRÁTICO

Estudantes podem comprar passes em qualquer ponto de venda em qualquer dia



DIÁRIO CATARINENSE

Decoreba derruba Brasil em teste

HELOISA ARUTH STURM E TAÍS SEIBT

Diante de questões como escolher o trajeto mais curto em uma linha de metrô ou regular um aparelho eletrônico seguindo certas instruções, os brasileiros tiveram o pior desempenho entre 85 mil jovens de 44 países.

Questionário aplicado a estudantes de 15 anos, com objetivo de avaliar a capacidade de solucionar problemas concretos, colocou o Brasil na 38ª colocação, conforme resultados divulgados ontem pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

As questões propostas pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) exigem que o estudante acione determinados processos cognitivos e correspondem a diferentes níveis de complexidade, classificados de 1 a 6. A média dos brasileiros foi de 428 pontos, bem abaixo dos asiáticos que lideram o ranking – Cingapura (562 pontos), Coreia do Sul (561) e Japão (552).

Nos países que ficaram nas primeiras posições, 11% dos estudantes responderam corretamente às perguntas de nível 5 e 6 – as mais complexas. No Brasil, o percentual foi de 2%. Os brasileiros apresentaram maior capacidade de resolver problemas interativos, que exigem que o estudante explore a situação para encontrar a solução.

Chile está à frente na América Latina

O fraco desempenho não preocupa o presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Chico Soares. Para ele, o resultado do teste é um indicador de que a política educacional do país está no caminho certo. Como exemplo, Soares cita o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cujas questões envolvem situações cotidianas, sinalizando para a necessidade de uma formação escolar voltada para a vida.

– Na América Latina, só o Chile está à frente do Brasil. Nas perguntas

de nível 5 e 6, que são as da inovação, a diferença entre o Brasil e os países mais consolidados é a menor em todas as edições do Pisa. Isso nos mostra que a educação está caminhando – pontua o presidente do Inep.

A avaliação do Pisa é aplicada desde 2000, de três em três anos, para medir a proficiência dos estudantes em leitura, matemática e ciências. Esta foi a primeira vez que o teste mediu a capacidade dos alunos de solucionar problemas. Os resultados nas outras áreas do conhecimento já haviam sido divulgados em dezembro do ano passado e colocam o Brasil em 58º lugar dentre 65 países – em 2009, o país ocupava a 54ª posição.

Conforme a OCDE, estudantes que se dão bem em matemática, leitura e ciências tendem a mostrar maior rendimento em relação à solução dos problemas, porque estão mais bem equipados para desenvolver representações mentais coerentes, planejar de maneira focalizada e mostrar flexibilidade para incorporar informações.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Moacir Pereira	Data: 02/04/2014
Assunto: Reajuste do Piso		Página: 10

DIÁRIO CATARINENSE

Professores

Emenda substitutiva do líder do PT, Neodi Saretta, apresentada à medida provisória do governador Colombo que parcela o reajuste do piso salarial dos professores, deve ser votada hoje no plenário da Assembleia. Prevê **pagamento integral do reajuste**, e não o parcelamento em três vezes definido pelo governo.



Veículo: Revista Veja

Editoria: Entrevista

Data: 02/04/2014

Assunto: Receita para educar

Página: 17, 20 e 21

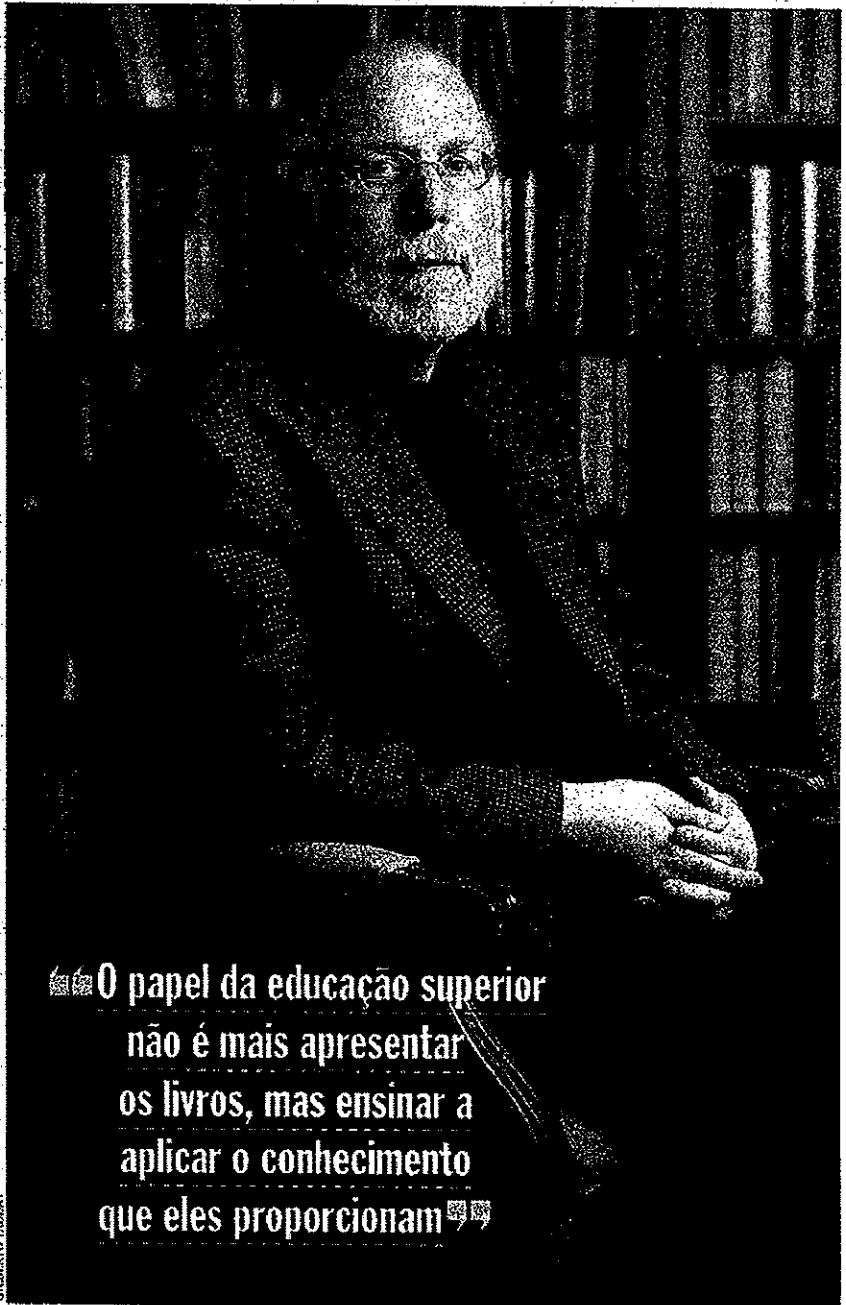
veja

A universidade do futuro

Um dos grandes pesquisadores na área da ciência cognitiva diz que o conhecimento do cérebro é a chave para aprimorar o aprendizado e inserir a escola no século XXI

O neurocientista americano Stephen Kosslyn, 66 anos, estava com a vida feita. Um dos maiores pesquisadores do mundo em ciência cognitiva — área do conhecimento que combina psicologia, neurociência e sistemas de computação para entender como o cérebro processa informações —, Kosslyn era disputado por instituições de alto nível, como Harvard, onde fez prodigiosa carreira acadêmica durante mais de três décadas. Pois no início do ano passado ele jogou tudo para o alto e aceitou ser reitor de um dos mais ambiciosos projetos de educação na internet: o Minerva, universidade 100% on-line pensada por uma turma egressa do Vale do Silício e financiada pelos mesmos investidores do Twitter e do eBay. A proposta é oferecer ensino de excelência comparado ao das instituições americanas da elite acadêmica. “Pude me afastar, olhar tudo de um novo ângulo e pensar em um modelo de educação superior que seja adequado ao século XXI e que aproveite a revolução feita pela internet”, avalia Kosslyn, que falou a VEJA de seu escritório em São Francisco, na Califórnia.

Sua área de estudo enxerga o cérebro como um músculo que pode ficar mais forte se corretamente exercitado. Não é exagero? Não. A inteligência humana pode ser dramaticamente ampliada. Uma frente fundamental de pesquisas na área da neurociência cognitiva trata justamente de encontrar caminhos para exercitar os, digamos, músculos mentais. Para solucionar uma equação são ativadas diferentes combinações dos sistemas neurais presentes no cérebro humano. Esses sistemas podem ser treinados e sua capacidade, ampliada, da mesma forma que os tríceps de um atleta nas barras paralelas.



GILBERTO TUDDA

“O papel da educação superior não é mais apresentar os livros, mas ensinar a aplicar o conhecimento que eles proporcionam”



Veículo: Revista Veja	Editoria: Entrevista	Data: 02/04/2014
Assunto: Receita para educar		Página: 17, 20 e 21



Como seria uma sala de ginástica para o cérebro? Até alguns videogames podem ser utilizados. Um exemplo é o Tetris, um clássico, que pode ajudar a potencializar a noção espacial. A mente é exercitada também pelos games que dividem a atenção do jogador entre objetos diferentes, os que exigem a memorização de sequências e aqueles que requerem a absorção gradativa de mais e mais informação. Com a ajuda deles, conseguimos em laboratório estimular sistemas neurais específicos. Os games e, de modo geral, toda atividade interativa têm efeito positivo sobre a inteligência. As pesquisas mostram que o cérebro de uma pessoa pode servir de extensão para o de outra, e vice-versa. Já se sabe que os estímulos mútuos em ambientes sociais são o combustível para a expansão da inteligência. Outro poderoso indutor da inteligência é a interação do cérebro com aparelhos digitais. À medida que a linha divisória entre o processamento de informações no cérebro e nos dispositivos eletrônicos vai ficando mais tênue, mais sutil, a capacidade mental aumenta.

As escolas superiores já se valem dessas descobertas em classe? De modo geral, o ensino continua muito atrelado a técnicas convencionais ultrapassadas, mas a ciência do raciocínio em breve vai fazer uma revolução nessa área.

Poderia dar um exemplo? Muito se fala que, no aprendizado, quanto mais a pessoa pensa sobre alguma coisa, mais se lembra dela, mas pouco se faz para que pensar se torne a regra na sala de aula. Nós conduzimos pesquisas para comprovar cientificamente esse fato. Uma delas, simples mas esclarecedora, envolveu três grupos aos quais foram apresentadas frases que descreviam cenas triviais. Um grupo foi instruído a ficar repetindo as frases para gravá-las. Outro foi orientado a fechar os olhos e tentar visualizar as imagens. Ao terceiro foi pedido que visualizasse cada cena uma vez, rapidamente, e que desse uma nota de quão viva a imagem lhe

A inteligência humana pode ser dramaticamente ampliada. Já conhecemos alguns dos caminhos para exercitar os, digamos, músculos mentais. Os videogames, como o famoso Tetris, são um recurso que já se provou eficiente

apareceu, sem se preocupar em gravá-la. Os participantes foram convocados minutos depois a reproduzir as frases, e a memorização dos que tentaram absorvê-las por repetição foi metade da dos outros dois grupos — que, por sua vez, apresentaram desempenho semelhante. Isso reforça a ideia de que não é repetindo teoremas e fórmulas que os alunos vão se lembrar dos ensinamentos, mas sim discutindo e construindo um pensamento crítico sobre o que aprendem. A partir daí, desenvolvemos cursos muito mais interessantes e participativos.

Como se explica, em termos cognitivos, o fato de refletir ser mais eficiente do que repetir? Quanto mais a pessoa refletir sobre algum assunto, quanto mais profundamente ela processar uma informação, mais fácil será lembrar-se dela, porque a reflexão vai desencadear associações mentais entre aquele assunto e o que já está armazenado na memória. Ao ser convocado a reproduzir essa informação, o cérebro usará tais associações para chegar ao local onde ela está armazenada. Por outro lado,

repetir uma frase ou uma fórmula diversas vezes não cria conexões com coisas já gravadas na memória, e portanto o cérebro vai ter mais dificuldade para encontrar a frase ou fórmula no seu banco de dados quando isso lhe for solicitado.

Onde o professor entra nisso? Ele não pode se ver mais apenas como um transmissor do conhecimento. É claro que continua a ter de dominar sua expertise, mas precisa dar uma aula diferente, de aprendizado ativo, envolvendo os alunos. Isso requer treinamento contínuo e muita habilidade interpessoal. As aulas tradicionais são expositivas, o que é uma ótima estratégia para ensinar, porque em pouco tempo o professor alcança vários ouvintes simultaneamente, mas é uma maneira horrível de aprender, porque o aluno se perde com facilidade, sem exercitar sua capacidade de abstração. Enfim, um professor com os olhos para o futuro tem de criar desafios acadêmicos à altura da complexidade do mundo de hoje, motivando o aluno a analisar e a aplicar o que ele aprendeu.

Por que a maioria das escolas ainda está aferrada a um modelo antiquado de sala de aula? Parte desse conservadorismo se deve ao conforto que ele traz; os professores ensinam da maneira a que estão acostumados, como foram treinados, sem avançar um milímetro. Eles não veem motivos para mudar. As universidades, por sua vez, que tanto celebram os progressos na pesquisa, não têm a tradição de valorizar inovações na didática, o que desmotiva a aplicação de métodos mais modernos.

A tecnologia ainda vai revolucionar o ensino? Ela será a chave de tudo. Logo, logo, a maior parte do conhecimento vai ser gratuita. Tudo o que a pessoa quiser conhecer ou aprender estará disponível nas escolas a distância. Essa evolução tecnológica vai resultar em uma mudança significativa no papel das universidades: em vez de só transmitirem o conhecimento, ca-



Os professores se aferram ao velho modelo de sala de aula porque com ele estão na zona de conforto. As universidades, por sua vez, não têm a tradição de valorizar as inovações na didática, o que desmotiva a aplicação de métodos mais modernos

berá a elas ensinar a raciocinar, a dominar esse conhecimento e a colocá-lo em uso na prática. Esse processo deve ser interpretado de modo amplo, não apenas no sentido de formar um bom profissional, mas também no de incentivar o aluno a se tornar uma pessoa que possa aproveitar plenamente a vida — apreciar as artes e a música, ser capaz de enxergar os dois lados de uma questão. O cidadão do futuro, parte desta geração que está agora nos bancos escolares, é aquele que os políticos não conseguem passar para trás, porque conhece a política e é capaz de fiscalizar as ações do candidato em quem votou.

Nesse universo, o ensino on-line vai prevalecer sobre as escolas físicas? Sem dúvida. Vejo o agrupamento de estudantes em um campus como algo cada vez menos importante. As pessoas continuarão a se encontrar para estudar, e isso é bom principalmente para os mais jovens, que precisam interagir, mas os grupos serão menores. O Número de Dunbar, criado pelo antropólogo inglês Robin Dunbar, definiu que, para que todo mundo se conheça dentro de um grupo, ele não pode ter mais que 150 integrantes. Esse é o tamanho ideal para haver socialização efetiva, fazer amigos e criar laços afetivos.

Como o acesso ao ensino gratuito é encarado pelas universidades da elite acadêmica? No século XVIII, as universidades selecionavam as obras que a pessoa tinha de ler para ser considerada educada. Já a universidade voltada para o futuro não é fundamentada em livros, mas em ferramentas cognitivas. Ela dá aos alunos a bagagem intelectual para que consigam se adaptar a qualquer cargo, criar e ter sucesso pelo resto da vida. As escolas de elite americanas, integrantes do grupo conhecido como Ivy League, não se sentem ameaçadas pela internet porque continuam imprescindíveis em outro papel: o de formadoras de redes de contatos. Mesmo hoje, as pessoas vão para Harvard, Yale e Stanford, em parte, por causa

dos colegas interessantes e das redes de contatos que estabelecem. Esse cenário não vai mudar — só vai ficar mais concorrido e mais elitista. Já as universidades de má qualidade, frequentadas apenas para obter um diploma, essas vão acabar, até porque o diploma universitário formal está perdendo valor. Ele já não é garantia absoluta de um bom emprego. Também desvaloriza o tradicional canudo o exemplo dos jovens que alcançam sucesso no mundo digital sem ter feito faculdade alguma.

Várias de suas pesquisas tratam da imaginação. Que papel ela tem no cérebro? A visualização mental de imagens de forma espontânea, ou seja, sem estímulos físicos, é importante para desenvolver tanto a memória quanto a noção espacial. Ela também ajuda na compreensão linguística e no desenvolvimento de habilidades motoras — assistir a um vídeo de si mesmo em ação contribui para o atleta imaginar maneiras de melhorar o desempenho na sua atividade. É essencial ainda no entendimento de símbolos, como comprovam os muitos ma-

temáticos e físicos de imaginação fértil, incluindo Albert Einstein. A imaginação se coloca nos limites entre percepção, memória, raciocínio e emoções. Estudando-a, poderemos compreender as diferenças e os pontos em comum entre essas áreas.

Como se avalia a capacidade imaginativa de uma pessoa? O estudo dessa questão começou a se desenvolver com o surgimento de testes cognitivos mais modernos e deu um enorme salto com as novas técnicas de escaneamento cerebral. Mas ainda há um imenso potencial a ser explorado nesse universo relativamente pouco conhecido. Na medicina e na psiquiatria, a compreensão da base neural na imaginação não só vai ajudar a elucidar questões fundamentais do cérebro, como também poderá lançar uma luz sobre os déficits mentais que acompanham doenças cerebrais. Na educação, pode aprimorar as aplicações práticas da imaginação no ensino escolar.

Em que o aluno formado conforme as diretrizes da ciência cognitiva será diferente dos outros? Ele saberá analisar problemas e situações com isenção e espírito crítico e passará a vida inteira aprendendo. No Projeto Minerva, nossa universidade on-line recém-inaugurada, partimos da seguinte premissa: o que os alunos vão fazer depois de formados? Isso leva a todo o resto. Queremos formar líderes globais, que gerem inovação, que tenham mente aberta para continuar ampliando seus horizontes intelectuais, que saibam se adaptar a um mercado volátil e que sejam cidadãos do mundo. Para formatar nossos cursos, passei meses entrevistando líderes no Vale do Silício, no mercado financeiro e no mundo empresarial. Assim pude traçar um retrato, tanto no plano prático quando no psicológico, das características que os levaram a chegar aonde chegaram. É esse o tipo de ensinamento que as instituições de ensino devem absorver para conseguir oferecer uma educação verdadeiramente integrada no século XXI.



veja

Boa educação tem receita?

Tem receita, sim! Mas não é mudar por decreto. Os grandes terremotos do progresso são provocados por pessoas destemidas, competentes e teimosas. Graças a esses líderes, criam-se modelos que, progressivamente, vão sendo imitados por quase todos.

O Positivo convidou para uma mesa-redonda em 2013 três ex-secretárias de Educação, Dorinha Seabra (TO), Maria Helena G. Castro (SP) e Raquel Telxeira (GO); uma secretária atual, Claudia Costin (RJ); e um ex-prefeito, Paulo MacDonald (Foz do Iguaçu).

Escolhemos os nomes pelas suas façanhas. Mas não nos dávamos conta de que tocavam por partituras bastante semelhantes. Esse foi o primeiro achado. Claro, há iniciativas que só aparecem em um município. Mas, na maioria, coincidem em suas estratégias. Daí falarmos em receitas.

“O que falta é gente com vontade de enfrentar as assombrações e empreender a marcha necessária”

Embora eles próprios não possam dizê-lo, liderança é essencial. São secretários que lutaram, que se impuseram e venceram, diante das forças da inércia e dos interesses de grupos. Arrostarão o uso político da máquina educativa. Estavam diuturnamente presentes, visitavam centenas de escolas.

Começaram perguntando: aonde quero chegar? E o planejamento da secretaria refletia a trajetória desejada. Essa clareza e o compartilhamento de propósitos são a marca de suas gestões. Isso é válido para as grandes metas e para os currículos — que devem ser explícitos e inteligíveis.

Como tem sido dito, quem não mede não administra. Afinal de contas, se o secretário não sabe o que está acontecendo, como saber se vai bem a sua gestão? A boa notícia é que a avaliação se tornou uma ferramenta central e imprescindível.

Eles souberam valorizar os diretores e seu papel. Houve intervenções para depurar o processo de sua escolha, por exemplo, com a introdução de provas para os candidatos. Em alguns casos, tiraram a carga administrativa dos ombros dos direto-

res, para que pudessem se dedicar ao ensino. Mas de que adiantam bons diretores se não tiverem autonomia para gerir a escola? Dar-lhes mais liberdade de manobra foi uma política implementada em várias secretarias.

A formação dos professores foi um tema recorrente. Sabemos da ineficácia de cursos teóricos e doutrinários, daí a importância de que passassem a ser diretamente relevantes no dia a dia dos mestres.

Para alguns secretários, os prêmios para escolas que atingissem metas de desempenho foram ferramentas vitais para o êxito. O tema é controverso, mas, se nas escolas premiadas os alunos passaram a saber mais, não será esse o critério mais convincente?

Vários se preocuparam com os métodos de ensino. O uso de materiais estruturados e a adoção da alfabetização fônica exemplificam as linhas adotadas.

A convergência dos depoimentos sugere que já existe uma receita para o sucesso da educação. Nem todos deram ênfase exatamente às mesmas políticas. Mas houve bastante coincidência e não se observaram orientações conflitantes.

É instrutivo comparar esses resultados com uma pesquisa da Macroplan que esmiúça os 100 maiores municípios brasileiros. Nela foram selecionados e examinados os cinco municípios de melhores resultados na educação e outros cujos avanços nessa área foram mais expressivos.

Em seguida, foi feito um levantamento para identificar suas políticas educativas, ou seja, que medidas poderiam explicar esse desempenho superior. Surpresa! São tão parecidas com as citadas pelos secretários que não vale a pena repetir. Apareceram também iniciativas que não foram mencionadas: ações de saúde, aumento da segurança na escola, participação do terceiro setor e aumento da presença da família. Mas nada que colidisse com a “receita” dos secretários.

Foram-se os dias em que melhorar a educação era um mistério insondável. Não sabíamos nem o que fazer nem se havia dado certo. Hoje, com a avaliação e com o compartilhamento do que se vai aprendendo, a receita se torna conhecida.

O que falta é gente com vontade de enfrentar as assombrações e empreender a marcha necessária, como fizeram essas pessoas. Não tiveram ditadura para dar-lhes força, não tinham padrinhos poderosos e não são super-homens (ou supermulheres). Simplesmente, fizeram.